MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENADORIA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E INTEGRAÇÃO ACADÊMICA
PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E EM DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO E INOVAÇÃO

LUCAS GALDIOLI

RELATÓRIO FINAL

INICIAÇÃO CIENTÍFICA:
PIBIC VOLUNTÁRIA

10/03/17 a 08/2017

ESTUDO RETROSPECTIVO PARA O RECONHECIMENTO DE TRAUMAS NÃO-ACIDENTAIS EM CÃES ATENDIDOS NO HOSPITAL VETERINÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ.

Relatório apresentado à Coordenadoria de Iniciação Científica e Integração Acadêmica da Universidade Federal do Paraná por ocasião da conclusão das atividades de Iniciação Científica ou Iniciação em desenvolvimento tecnológico e Inovação - Edital 2016/2017.

Orientador: Profª Rita de Cassa Maria Garcia /Departamento de Medicina Veterinária Medicina Veterinária Legal

Número de Registro no BANPESQ/THALES: 2016020532

CURITIBA
2017

ESTUDO RETROSPECTIVO PARA O RECONHECIMENTO DE TRAUMAS NÃO-ACIDENTAIS EM CÃES ATENDIDOS NO HOSPITAL VETERINÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ.

1. ALTERAÇÕES REALIZADAS NO PLANO DE TRABALHO SUBMETIDO

A submissão ocorreu conforme o cronograma, mas devidos aos ajustes solicitados pelo CEUA e pela direção do Hospital Veterinário da UFPR, a autorização do projeto foi efetivada em fevereiro de 2017.

A ficha de coleta de dados foi produzida com base na literatura consultada e finalizada em dezembro. O piloto foi realizado no início de fevereiro/2017, sendo necessária a realização de pequenas adequações.

RESUMO

O abuso animal é um assunto cada vez mais abordado, e seu estudo é importante devido à inter-relação entre maus-tratos aos animais e a violência interpessoal, sendo, portanto, uma questão de saúde pública. O cão é uma das espécies mais comuns dentre os animais domésticos e uma das que mais sofrem traumas não acidentais (TNA), sendo frequentemente levado ao veterinário pelo próprio abusador. No Brasil, a prevalência de TNA é desconhecida. Neste contexto, o objetivo do trabalho foi determinar e identificar a presença de lesões sugestivas de TNA em cães. Foram avaliados prontuários clínicos de cães atendidos no Hospital Veterinário da Universidade Federal do Paraná (HV-UFPR) entre julho e setembro de 2015. Foi elaborada uma ficha modelo, com base na literatura consultada, contendo itens sobre as características físicas dos animais, lesões específicas de TNA observadas na clínica e também foi avaliado se houve algum registro de suspeita dos veterinários responsáveis pela ocorrência de maus-tratos. Observou-se um total de 488 prontuários. A incidência de lesões sugestivas de TNA foi de 0,40% (n=2) compatíveis/confirmados, 2,9% (n=14) compatíveis/suspeitos e 96,7% (n=472) incompatíveis. A suspeita de maus-tratos foi maior em cães machos (n=9; 4,22%) de que em fêmeas (n=7; 2,54%). Houve maior suspeita de maus-tratos em animais com faixa etária entre 3 e 8 anos (n=11; 68,8%). Todos os casos compatíveis com TNA foram diagnosticados por meio do exame clínico. Foram identificados: trauma mecânico contundente, trauma mecânico contundente com fratura óssea, trauma mecânico contundente com fratura craniana, trauma mecânico contundente com ruptura visceral, trauma mecânico perfurocontundente e envenenamento. Dos casos categorizados como negligência (n=73) a maior prevalência foi relacionada à não continuidade do tratamento (n=35; 48%). Em nenhum dos prontuários clínicos analisados foi registrada a suspeita de TNA pelos médicos veterinários. Os resultados demonstraram ser possível identificar TNA. A falta desse diagnóstico ou suspeita do mesmo indica negligência dos médicos veterinários ou falta de capacitação para identificação de maus-tratos aos animais. Seria de muita valia, portanto, que fossem ofertados aos profissionais cursos de atualização e especialização para promover a identificação de TNA, visando à

redução do sofrimento dos cães e identificação de possíveis famílias violentas.

Palavras-chave: maus-tratos; violência; saúde coletiva.

2. INTRODUÇÃO

O trauma não-acidental (TNA), abuso animal ou síndrome do animal de estimação maltratado é um fenômeno cada vez mais reconhecido pelos médicos veterinários na prática clínica (MUNRO; THRUSFIELD, 2001), e remete ao comportamento socialmente inaceitável que intencionalmente causa dor desnecessária, sofrimento ou angústia e/ou morte do animal (ASCIONE, 2001). Os animais podem ter sido abusados física, sexual ou psicologicamente ou ter sofrido negligência (ASCIONE, 2001).

Trauma não-acidental (TNA) refere-se à lesão provocada por abuso físico, o ato de infligir dor desnecessária ou sofrimento ao animal (ARKOW, 2011), sendo reconhecido como importante diagnóstico diferencial para traumas em geral (TONG, 2013). Também pode estar relacionado à chamada 'Síndrome do Animal Espancado' (MCGUINESS, 2005).

O estudo dos traumas não-acidentais (TNA) considera a inter-relação entre os casos de maus-tratos contra animais e de violência contra humanos, sendo, portanto, uma questão de saúde pública (ARKOW, 2015). Munro, 2001, estudou as similaridades entre abuso físico contra crianças e animais e o elo entre eles e observou que os atos de violência são os mesmos para a vítima humana ou animal. Os veterinários podem trabalhar com o conceito da Saúde Única, que une medicina e medicina veterinária em uma preocupação comum com os vulneráveis e vitimados (ARKOW, 2015).

O conhecimento sobre a identificação de traumas não-acidentais pode reduzir o sofrimento das vítimas animais e aumentar o número de casos investigados. O assunto deve ser abordado ainda na graduação, pois segundo McGuiness, 2005, muitos profissionais não se sentem aptos a reconhecer casos de abuso físico.

Alguns fatores podem dificultar a abordagem dos casos de crueldade, tais como a insuficiência de recursos técnicos para identificar situações de crueldade, pressão social na direção de outros crimes considerados de maior relevância, inexistência de um sistema público de investigação e notificação dos casos, limitação na formação do médico veterinário para avaliar o envolvimento humano como fator determinante dos quadros clínicos de crueldade, e a resistência em considerar a crueldade contra os animais um crime violento (FARACO, 2006).

Segundo Hammerschmidt, 2012, há também o fato de a população desconhecer os locais de recebimento de denúncias de casos de maus-tratos, além do desconhecimento das leis e descrédito na justiça, fazendo com que muitos casos nem sequer sejam investigados. Existem aspectos envolvidos na elucidação dos casos de TNA que criam dilemas profissionais sobre quais procedimentos adotar: a abordagem da família envolvida, as condutas éticas cabíveis, a responsabilidade pelo bem-estar do animal vitimado e as possíveis consequências ou responsabilidade civil ao profissional a partir das decisões tomadas (FARACO, 2006).

O presente estudo tem como objetivo geral determinar presença de lesões sugestivas de TNA em cães atendidos no período de julho a setembro de 2015 no Hospital Veterinário da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Paraná, Brasil. Os objetivos específicos envolveram identificar e categorizar as lesões sugestivas de TNA; analisar a compatibilidade entre o histórico relatado pelo proprietário e o tipo de lesão encontrada nas fichas clínicas e nos exames complementares (diagnóstico por imagem; exames de sangue, urina, etc.); identificar fatores de risco (raça, gênero, idade) com base no histórico do animal e avaliar a prevalência de TNA em cães atendidos no HV-UFPR.

3. REVISÃO DE LITERATURA

O trauma não-acidental (TNA), "abuso animal" ou "síndrome do animal de estimação maltratado" é um fenômeno cada vez mais reconhecido pelos médicos veterinários na prática clínica. Estes termos têm diferentes interpretações e significados em diferentes sociedades e uma definição absoluta tem sido difícil de determinar (MUNRO, 2001).

A literatura não apresenta uma clara definição de abuso animal ou crueldade aos animais. Contudo, a seguinte descrição inclui características comuns à maioria das tentativas de definir tal conduta: “comportamento socialmente inaceitável que intencionalmente causa dor desnecessária, sofrimento ou angústia e/ou morte do animal”. As formas de abuso a que os animais podem estar sujeitos são similares às formas de maus-tratos contra crianças, que podem ter sido física, sexual ou psicologicamente abusados ou ter sofrido negligência (ASCIONE, 2001).

A National Society for the Prevention of Cruelty to Children (NSPCC), Londres, descreveu o abuso animal como "o dano intencional a um animal". Inclui, mas não se limita a negligência voluntária, infligir dano, dor ou angústia, ou matar maliciosamente animais. A organização definiu três categorias de abuso de animal: abuso físico, abuso sexual e negligência. O abuso físico inclui chutar, perfurar, jogar, queimar, asfixiar e administrar drogas ou venenos. Abuso sexual compreende o uso de um animal para gratificação sexual. A negligência é a ausência em fornecer alimento, água, abrigo, companhia ou atenção veterinária adequada (MCGUINESS, 2005). O crime de maus-tratos pode se originar de uma ação ou de uma omissão, ou seja, negligência, que pode ser definida como o não suprimento das necessidades de um animal, como alimentação adequada, água, abrigo, espaço apropriado e cuidados sanitários. (MERCK, 2013).

Munro, 2001 descreveu o abuso animal e a classificação da mesma forma, porém acrescentou mais uma categoria, o abuso emocional tal como o assédio verbal habitual por ameaças e/ou comportamentos ameaçadores. Embora alguns povos considerem que os animais não possuem "emoções", isso está em desacordo com o pensamento moderno (ARKOW; MUNRO, 2008).

McMillan, 2005 propôs uma classificação de maus-tratos de acordo com duas categorias principais: negligência e abuso/agressão. De forma contrária à natureza aparentemente passiva da negligência, o abuso e a agressão são processos ativos de maus-tratos, que consistem em atos nos

quais há a intenção explícita de prejudicar a vítima, estando o responsável comumente consciente de que ocorrerão prejuízos ao animal.

Ressalta-se a importância da compreensão da negligência como maus-tratos por dois motivos principais: a negligência é menos óbvia que a agressão física e as publicações científicas apontam-na como o tipo mais comum de maus-tratos, tanto no exterior quanto no Brasil (MOLENTO; HAMMERSCHMIDT, 2015).

Os casos de TNA ocorrem devido a traumas por abuso físico, devendo ser considerados no diagnóstico diferencial. Dos 90 casos de traumas em gatos estudados por Siqueira, 2013, as energias vulnerantes de ordem mecânica, química e física foram as principais causadoras das lesões. Cabe ao veterinário descrever e documentar as lesões, avaliando a extensão, a profundidade e as estruturas anatômicas afetadas, com a realização de radiografias, se necessário. Os fatores que levam à suspeita são: presença de múltiplas fraturas, fraturas em mais de uma região do corpo, fraturas transversas, fraturas com avançada cicatrização, formação de calo e fraturas múltiplas em diferentes estágios de cicatrização. A prevalência relativamente alta de fraturas em casos de TNA e o fato de terem características discretas que podem ser facilmente analisadas fazem delas boas ferramentas de diagnóstico. Outro importante indicador é a evidência de injúrias anteriores: os cães podem ser abusados várias vezes em diferentes ocasiões, havendo demora na procura por tratamento. A história inconsistente com os achados clínicos é um importante indicativo de abuso em crianças e em cães (TONG, 2013).

Tong, 2013 em seus estudos sobre as características das fraturas concluiu que, quando comparado às categorias ataque por cão, lesão durante brincadeira e quedas baixas o número de fraturas foi significativamente maior em TNA. A análise mostrou que fraturas em membros torácicos, membros pélvicos ou região axial foram mais prevalentes em TNA de que em traumas acidentais. As fraturas transversas foram mais comuns em TNA de que em fraturas acidentais. A patologia forense humana demonstrou que chutar ou bater com ou sem arma tende a produzir fratura transversa simples. O número de fraturas no grupo TNA foi significativamente maior. Cães abusados provavelmente terão fraturas em múltiplas regiões, sendo a fratura por TNA mais comum em membro torácico. Nesse estudo, os ossos mais afetados por TNA foram rádio, ulna, e fêmur, e uma das lesões mais comumente observada foi a avulsão da tuberosidade tibial.

A situação de maus-tratos deve ser reportada se os problemas não puderem ser discutidos com o tutor, se o plano de melhoria não puder ser realizado ou se o caso envolver crueldade severa ou negligência. Deve-se tentar conversar com o proprietário, e caso sua reação aumente as suspeitas, o fato deve ser notificado às autoridades. Os veterinários têm obrigação moral de reportar esses casos e a sociedade tem a obrigação de dar suporte a esses profissionais. Cabe ao governo dar imunidade civil e criminal ao veterinário que fizer a denúncia (TONG, 2013).

Frasch, 2000, e Tannebaum, 1995, relatam que a dificuldade em abordar a crueldade

perpetrada pelos seres humanos aos animais deve-se a inúmeros fatores, dentre eles a insuficiência de recursos técnicos para identificar situações de crueldade, a limitação na formação do médico veterinário para avaliar o envolvimento humano como fator determinante dos quadros clínicos de crueldade, a inexistência de um sistema público de investigação e notificação dos casos, a pressão social na direção de outros crimes considerados, no senso comum, de maior relevância e a resistência em considerar a crueldade com animais como um crime violento.

Os traumas não acidentais (TNA) contra os animais podem servir de evidência da existência da violência doméstica e já são usados em muitos países para acionar órgãos de proteção às crianças e/ou aos adultos vulneráveis. Os sinais que indicam TNA são similares nas crianças e nos animais, como, por exemplo, queimaduras com água quente (geralmente em membros), queimaduras por cigarros e fraturas. Geralmente as injúrias no TNA são repetidas e as histórias contadas tanto pelos responsáveis pelas crianças traumatizadas quanto pelos tutores de animais também apresentam o mesmo padrão: histórias inconsistentes e discrepantes. Geralmente o abusador reluta em falar sobre o histórico do trauma e muda de comportamento quando questionado (MUNRO, 1996).

Segundo Arkow, 2015, cinco passos são necessários para institucionalizar a resposta nos casos de abuso: (1) construir a consciência de que essas são questões de interesse profissional; (2) ajudar os profissionais a resolver problemas éticos; (3) fornecer garantias de proteção legal; (4) fornecer treinamento para identificar os indicadores clínicos de abuso como diagnóstico diferencial que incluam a definição de conceitos de crueldade, abuso, negligência, etc., sinais que levam a suspeita, perfil e comportamento do cliente e fatores ambientais; e (5) desenvolver protocolos padronizados que equilibrem os interesses do paciente, do cliente e do profissional, tais como levantamento das informações mais adequadas, diagnóstico e tratamento (monitorar a situação, reportar a situação às autoridades).

No levantamento dos dados de abril a dezembro de 2011 no HCV - UFPel foi observado que 23 caninos e 4 felinos atendidos foram vítimas de violência confirmada (diagnóstico definitivo de maus-tratos). Esses casos incluem animais oriundos do sistema de recolhimento da prefeitura e de comunidades carentes. Outro grupo foi formado por suspeitos de maus-tratos: debilitados, desidratados ou caquéticos, intoxicados, com múltiplas lesões ou fraturados. Entretanto, a falta de histórico não permitiu incluí-los no estudo. Dos 27 casos, 4 foram levados pelo proprietário agressor, 12 pelo proprietário que não era o agressor e 11 foram levados pelo serviço da prefeitura (ROSSI, 2012). Segundo Arluke e Lookwood, 1997, informações sobre os agressores são importantes, bem como a frequência e gravidade de seus atos. Os principais sinais encontrados nos animais agredidos foram lesões superficiais por agentes físicos, fraturas, queimaduras, lesões por armas de fogo e perfurocortantes, seguido por intoxicações. Estes sinais devem ser considerados nas suspeitas de maus-tratos, pois podem servir como provas criminais (MARLET, 2010).

Segundo McGuiness, 2005, guias para reconhecer e diagnosticar casos de TNA são

importantes, pois a falta de conhecimento de alguns profissionais sobre o tema impede sua identificação. É necessário incluir o assunto na graduação para permitir que os novos profissionais sejam capazes de reconhecer e responder adequadamente a esses casos.

McMillan, 2015, relata que animais vítimas de abuso se apresentam mais excitáveis, com mais apego e busca por atenção. Os tutores relataram uma propensão a perseguir presas, porém esse comportamento foi mais observado em animais que eram jovens na época da avaliação.

Os cães abusados também apresentaram medo de humanos e cães desconhecidos, hiperatividade, latidos persistentes e alta frequência de comportamentos considerados bizarros, estranhos ou repetitivos. O tipo de alteração de comportamento está ligado ao tipo de abuso sofrido. O medo de humanos pode ser consequência de uma interação direta e negativa entre humanos e o animal vitimado, o qual aprende que os seres humanos podem representar uma ameaça (MACMILLAN, 2015).

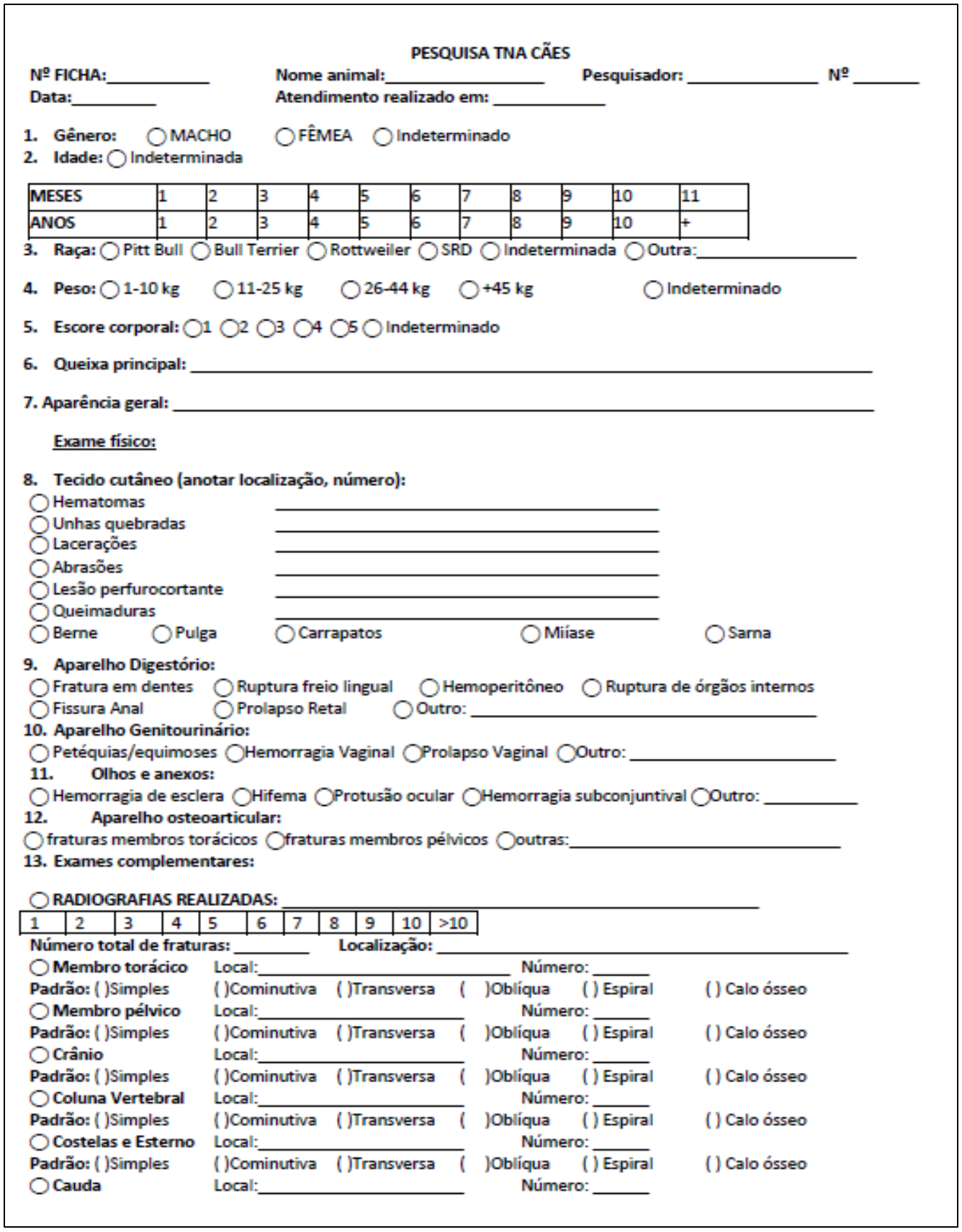
McGuiness *et al,* 2005, relataram que a submissão e o medo excessivo de estranhos ou homens foram observados em 58 cães com suspeita de abuso. O medo de cães pode ocorrer em animais abusados na presença de outros cães, mas também é possível que ocorra uma generalização do medo, bem como observado em crianças vítimas de abuso (MCDONALD, 2007; MCMILLAN, 2015).

4. MATERIAIS E MÉTODOS

Foi realizado um estudo retrospectivo de 488 prontuários de cães (*Canis lupus familiaris*) atendidos entre julho e setembro de 2015, no HV-UFPR. A coleta de dados ocorreu entre fevereiro e julho de 2017. Ficha elaborada com base em estudos anteriores foi utilizada como instrumento de coleta de dados das características gerais do animal (gênero e idade), das lesões particulares dos sistemas (tegumentar, digestório, geniturinário, osteoarticular, visual), e dos exames complementares realizados (ultrassonografia e radiografia) (Figuras 1 e 2). Também foi registrado se o médico veterinário responsável pelo prontuário relatou a ocorrência de maus-tratos aos animais, seja por abuso físico (TNA), negligência e intoxicação por agentes químicos (carbamatos, organofosforados, dentre outros).

Cada caso foi classificado como “compatível confirmado com TNA” (concordância entre histórico clínico, anamnese e as lesões encontradas), “compatíveis suspeitos de TNA” (em caso de suspeita de TNA, ou diante de relato duvidoso do proprietário) e “incompatíveis” (não foi detectado caso de abuso animal). Foi analisada apenas a prevalência dos resultados. O projeto foi aprovado pela Comissão de Ética no Uso de Animais sob o protocolo de número 091/2016.

Figura 1. Ficha elaborada com lesões e características sugestivas de traumas não-acidentais.



PESQUISA TNA CÃES

Nº FICHA:_____ **Nome animal:**_____ **Pesquisador:** _____ **Nº** _____
Data:_____ **Atendimento realizado em:** _____

1. **Gênero:** ◯ MACHO ◯ FÊMEA ◯ Indeterminado
2. **Idade:** ◯ Indeterminada

MESES	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
ANOS	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	+

3. **Raça:** ◯ Pitt Bull ◯ Bull Terrier ◯ Rottweiler ◯ SRD ◯ Indeterminada ◯ Outra:_____
4. **Peso:** ◯ 1-10 kg ◯ 11-25 kg ◯ 26-44 kg ◯ +45 kg ◯ Indeterminado
5. **Escore corporal:** ◯1 ◯2 ◯3 ◯4 ◯5 ◯ Indeterminado
6. **Queixa principal:** _____
7. **Aparência geral:** _____

Exame físico:

8. **Tecido cutâneo (anotar localização, número):**
◯ Hematomas _____
◯ Unhas quebradas _____
◯ Lacerações _____
◯ Abrasões _____
◯ Lesão perfurocortante _____
◯ Queimaduras _____
◯ Berne ◯ Pulga ◯ Carrapatos ◯ Miíase ◯ Sarna
9. **Aparelho Digestório:**
◯ Fratura em dentes ◯ Ruptura freio lingual ◯ Hemoperitôneo ◯ Ruptura de órgãos internos
◯ Fissura Anal ◯ Prolapso Retal ◯ Outro: _____
10. **Aparelho Genitourinário:**
◯ Petéquias/equimoses ◯Hemorragia Vaginal ◯Prolapso Vaginal ◯Outro: _____
11. **Olhos e anexos:**
◯ Hemorragia de esclera ◯Hifema ◯Protusão ocular ◯Hemorragia subconjuntival ◯Outro: _____
12. **Aparelho osteoarticular:**
◯ fraturas membros torácicos ◯fraturas membros pélvicos ◯outras:_____
13. **Exames complementares:**

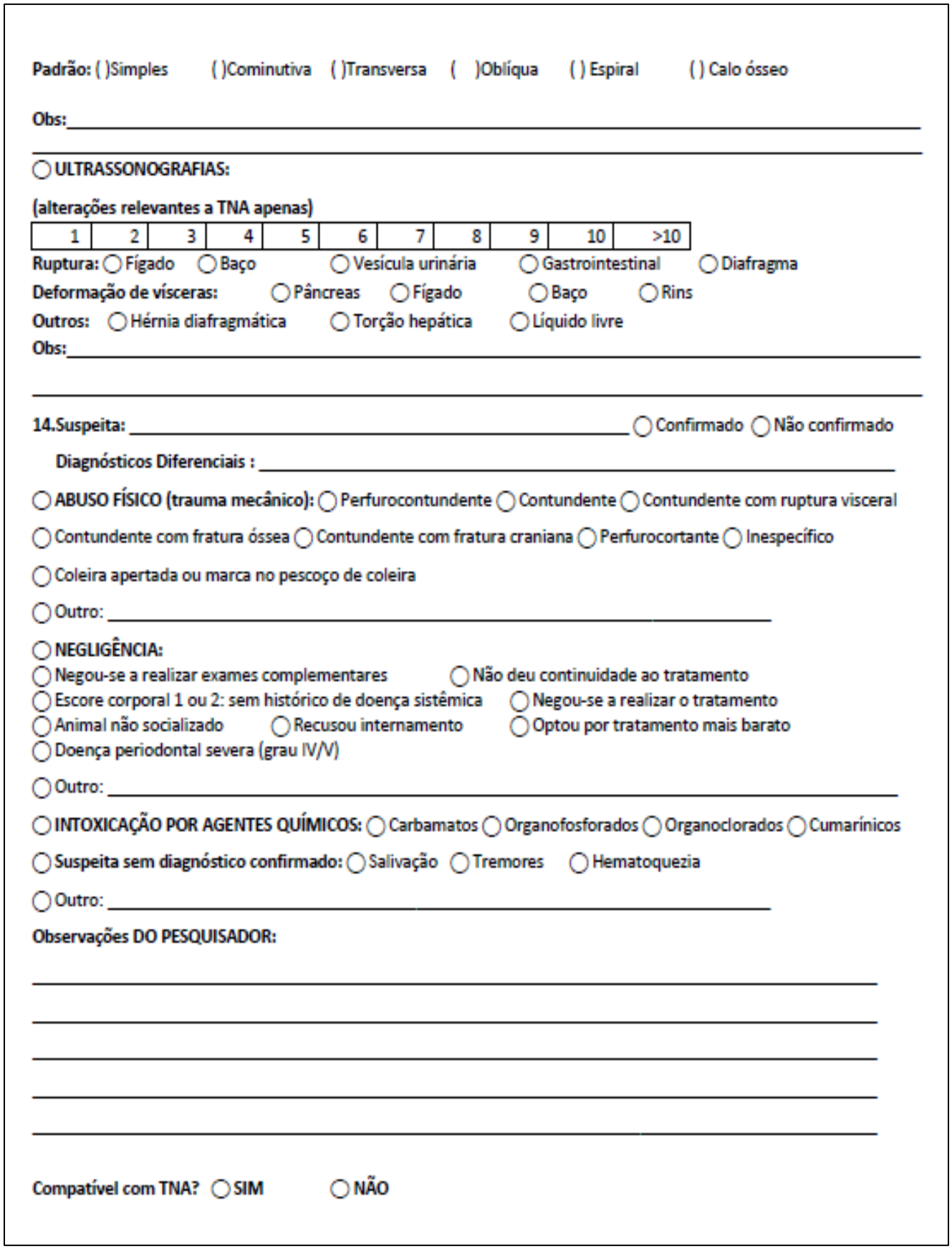
◯ **RADIOGRAFIAS REALIZADAS:** _____

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	>10

Número total de fraturas: _____ **Localização:** _____

◯ **Membro torácico** Local:_____ Número: _____
Padrão: ( )Simples ( )Cominutiva ( )Transversa ( )Oblíqua ( ) Espiral ( ) Calo ósseo
◯ **Membro pélvico** Local:_____ Número: _____
Padrão: ( )Simples ( )Cominutiva ( )Transversa ( )Oblíqua ( ) Espiral ( ) Calo ósseo
◯ **Crânio** Local:_____ Número: _____
Padrão: ( )Simples ( )Cominutiva ( )Transversa ( )Oblíqua ( ) Espiral ( ) Calo ósseo
◯ **Coluna Vertebral** Local:_____ Número: _____
Padrão: ( )Simples ( )Cominutiva ( )Transversa ( )Oblíqua ( ) Espiral ( ) Calo ósseo
◯ **Costelas e Esterno** Local:_____ Número: _____
Padrão: ( )Simples ( )Cominutiva ( )Transversa ( )Oblíqua ( ) Espiral ( ) Calo ósseo
◯ **Cauda** Local:_____ Número: _____

Figura 2. Ficha elaborada com lesões e características sugestivas de traumas não-acidentais.



Padrão: ( )Simples ( )Cominutiva ( )Transversa ( )Oblíqua ( ) Espiral ( ) Calo ósseo

Obs: _____

_____

◯ **ULTRASSONOGRAFIAS:**

(alterações relevantes a TNA apenas)

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	>10

Ruptura: ◯ Fígado ◯ Baço ◯ Vesícula urinária ◯ Gastrointestinal ◯ Diafragma

Deformação de vísceras: ◯ Pâncreas ◯ Fígado ◯ Baço ◯ Rins

Outros: ◯ Hérnia diafragmática ◯ Torção hepática ◯ Líquido livre

Obs: _____

_____

14.Suspeita: _____ ◯ Confirmado ◯ Não confirmado

Diagnósticos Diferenciais : _____

◯ **ABUSO FÍSICO (trauma mecânico):** ◯ Perfurocontundente ◯ Contundente ◯ Contundente com ruptura visceral

◯ Contundente com fratura óssea ◯ Contundente com fratura craniana ◯ Perfurocortante ◯ Inespecífico

◯ Coleira apertada ou marca no pescoço de coleira

◯ Outro: _____

◯ **NEGLIGÊNCIA:**

◯ Negou-se a realizar exames complementares ◯ Não deu continuidade ao tratamento

◯ Escore corporal 1 ou 2: sem histórico de doença sistêmica ◯ Negou-se a realizar o tratamento

◯ Animal não socializado ◯ Recusou internamento ◯ Optou por tratamento mais barato

◯ Doença periodontal severa (grau IV/V)

◯ Outro: _____

◯ **INTOXICAÇÃO POR AGENTES QUÍMICOS:** ◯ Carbamatos ◯ Organofosforados ◯ Organoclorados ◯ Cumarínicos

◯ **Suspeita sem diagnóstico confirmado:** ◯ Salivação ◯ Tremores ◯ Hematoquezia

◯ Outro: _____

Observações DO PESQUISADOR:

_____

_____

_____

_____

_____

Compatível com TNA? ◯ **SIM** ◯ **NÃO**

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram analisados no presente estudo 488 prontuários clínicos de cães, no período de julho a setembro de 2015, sendo que 0,4% (n=2) classificados como casos confirmados compatíveis com TNA; 2,9% (n=14) compatíveis suspeitos; e 96,7% (n=472) incompatíveis. A maioria dos casos, 14,9% (n=73) foi classificado como negligência.

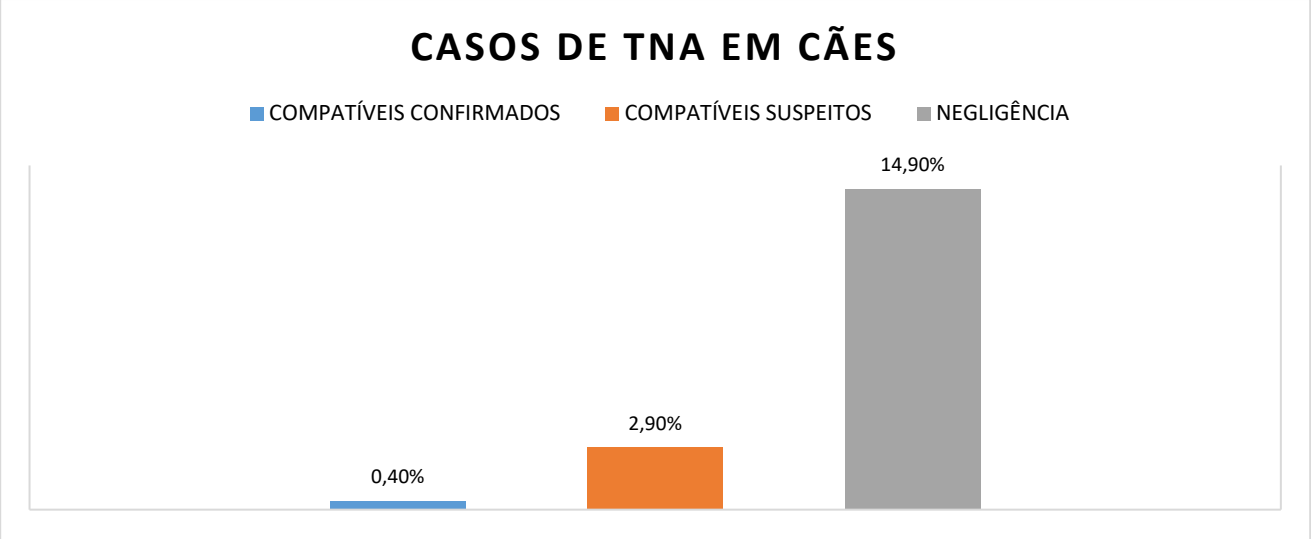


Figura 3: Prevalência de lesões sugestivas de TNA e negligências em cães atendidos no Hospital Veterinário da Universidade Federal do Paraná durante o período de julho a setembro de 2015.

A Figura 4 mostra a relação entre cães machos e fêmeas (488) atendidas no período de julho a setembro de 2015. 43,6% (n=213) dos animais eram machos e 56,4% (n=275) eram fêmeas. Dos compatíveis confirmados com TNA, um (50%) era macho e um (50%) era fêmea, sendo diferente dos casos compatíveis suspeitos de TNA, em que 8 (57,1%) eram machos e 6 (42,90%) eram fêmeas. Dessa forma, com relação ao número total de avaliados a suspeita de maus-tratos foi maior em cães machos 4,22% (n=9) de que em fêmeas 2,54% (n=7). Com relação aos casos de negligência, 46,6% dos casos (n=34) envolvia machos e 53,4% (n=39) fêmeas.

A ligeira predominância de cães machos em casos compatíveis de TNA (57,1%) não é compatível com a quantidade total de machos atendidos, uma vez que a predominância dos casos totais era de fêmeas (56,4%). Desta forma, o gênero do cão foi um fator relevante na escolha do animal a ser agredido com maus-tratos. Munro e Munro obtiveram resultados semelhantes, com predominantemente cães machos afetados por maus-tratos (70%) numa população em que cães machos representam 50% do geral. Consoante Munro e Munro, 2008 é possível que proprietários potencialmente violentos prefiram possuir cães machos, ou, ainda, que cães machos sejam mais difíceis de controlar, ou que sejam mais agressivos que as fêmeas, podendo desencadear a violência de seu proprietário.

Em contrapartida, para os casos de negligência, a ligeira predominância de fêmeas (53,4%) é compatível com a predominância de fêmeas atendidas no total (56,4%), indicando que o gênero em

casos de negligências não foi um fator relevante.

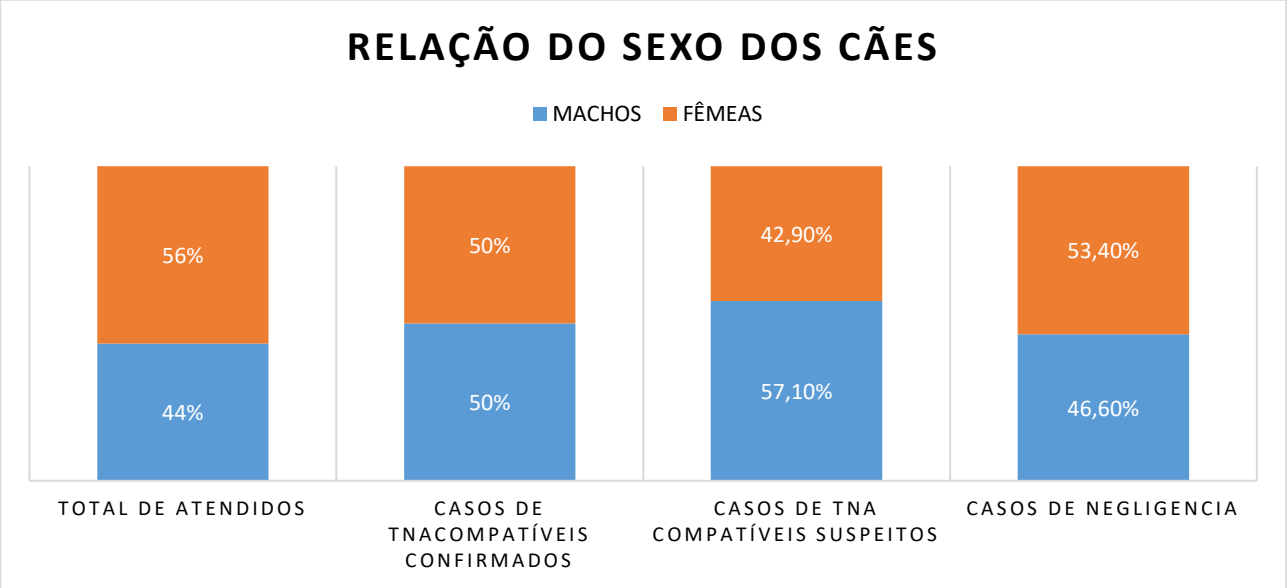


Figura 4: Relação de cães machos e fêmeas atendidas no total, em casos de TNA confirmados, em casos de TNA suspeitos e em casos de negligência no Hospital Veterinário da Universidade Federal do Paraná durante o período de julho a setembro de 2015.

Em relação à idade, a Figura 5 mostra que 43,2% (n=211) dos cães atendidos no HV-UFPR entre julho e setembro de 2015 estão concentrados na faixa etária de 3 a 8 anos; em seguida figuram cães na faixa etária de 8 a 12 anos, com 22,8% (n=111), e os cães com até 3 anos, com 19,7% (n=96). Nas últimas posições estão enquadrados os animais mais velhos, acima de 12 anos, com 11% (n=54), e os de idade indeterminada, com 3,3% (n=16).

Dos casos de TNA compatíveis suspeitos houve uma predominância da faixa etária entre 3 e 8 anos, com 71,5% (n=10), seguida do percentual de cães acima de 12 anos de idade, com 14,3% (n=2). Houve 1 caso de cão com idade entre 8 e 12 anos, representando 7,1% (n=1) da casuística e 1 cão com até três anos de idade, 7,1% (n=1) do total. Com relação aos casos compatíveis confirmados, houve uma ocorrência na faixa etária entre 3 e 8 anos, somando 50% (n=1), e 1 de 8 a 12 anos, também correspondendo a 50% (n=1). Dentre os casos de negligência, a maior parte concentrava-se na faixa etária entre 3 e 8 anos de idade, com representatividade de 45,2% (n=33), seguidos por um grupo de cães entre 8 e 12 anos, 30,1% (n=22), e por cães acima de 12 anos, com 11% (n=8). Por último segue os animais mais jovens, com até 3 anos, representando 13,7% (n=10). Portanto, a comparação dos totais atendidos com os casos de TNA confirmados e suspeitos e os casos de negligência, mostra compatibilidade com os cães da faixa etária entre 3 e 8 anos.

Munro e Thrusfield, 2001 demonstraram que houve casos significativamente mais suspeitos em cães com menos de dois anos de idade do que seria esperado, em comparação com a proporção de animais de idade semelhante na população geral. Os animais jovens (tal como crianças pequenas) podem ser menos manejáveis de que os animais mais velhos e, portanto, provocar o proprietário

potencialmente agressivo em violência.

Essa diferença de resultado pode estar relacionada à demora em levar o animal ao atendimento veterinário. Segundo Tong, 2013, um importante indicador é a evidência de injúrias anteriores: os cães podem ser abusados várias vezes em diferentes ocasiões, havendo demora na procura por tratamento. A história inconsistente com os achados clínicos é um importante indicativo de abuso em crianças e em cães.

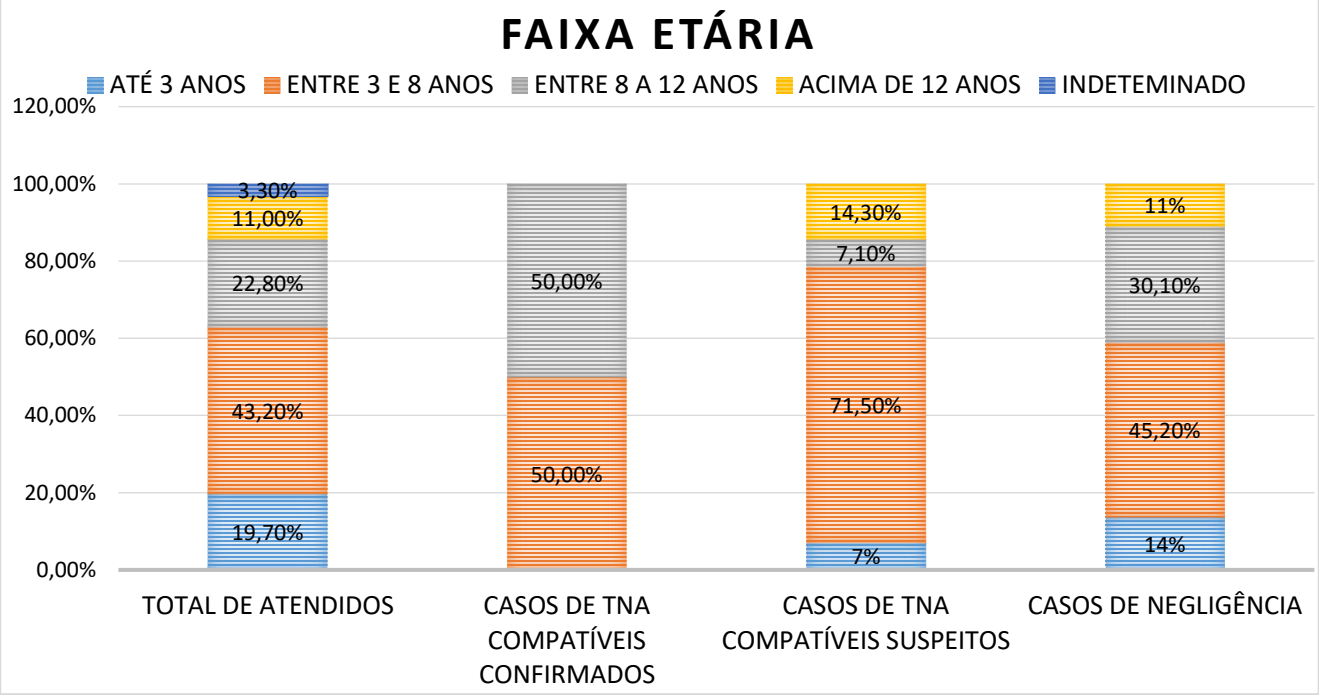


Figura 5: Relação da faixa etária dos cães atendidos no total, em casos de TNA compatíveis confirmados e suspeitos e em casos de negligência no Hospital Veterinário da Universidade Federal do Paraná durante o período de julho a setembro de 2015.

Outro fator de interferência exibido na Figura 6 foi a raça dos cães, de modo geral foram atendidos um total de 47 raças diferentes. Os casos mais prevalentes foram de cães sem raça definida (SRD), com 30,9% (n=151), seguidos da raça Poodle 7,4% (n=36) e Lhasa Apso, com 6,8% (n=33), Pinscher, com 6,4% (n=31), Yorkshire, com 5,1% (n=25), Pittbull, com 4,5% (n=22), Shih-tzu, com 4,3% (n=21), Dachshund, com 3,7% (n=18) ~~e~~, Labrador, com 3,7% (n=18) e outras com menor prevalência, somando 27,2% (n=129).

Os dois casos de TNA compatíveis confirmados (100%) e os casos de TNA compatíveis suspeitos 28,7% (n=4) foram descritos em cães sem raça definida, e 14,4% (n=2) em Pittbulls, 14,3% (n=2) em Yorkshires e outros 7,1% (n=1) nas raças Pinscher, Lhasa Apso, Boxer, Cocker e Dachshund. Os casos de negligência tiveram maior prevalência em cães sem raça definida, com 26% (n=19), seguidos das raças Poodle 11% (n=8), Lhasa Apso, com 8,2% (n=6), Pittbulls, com 6,8% (n=5), Yorkshire, com 5,5% (n=4), Pastor Alemão, Pinscher, Schnauzer, com 4,1% (n=3), Beagle, Boxer, Dachshund e Cocker, com 2,7% (n=2), além de outras com menor prevalência, 19,4% (n=14).

Todos possuem compatibilidade com maior prevalência dos cães sem raça definida e Yorkshire, Pinscher, Lhasa Apso e Pittbull. Munro e Thrusfield, 2001 também relataram uma proporção maior em cães sem raça definida.

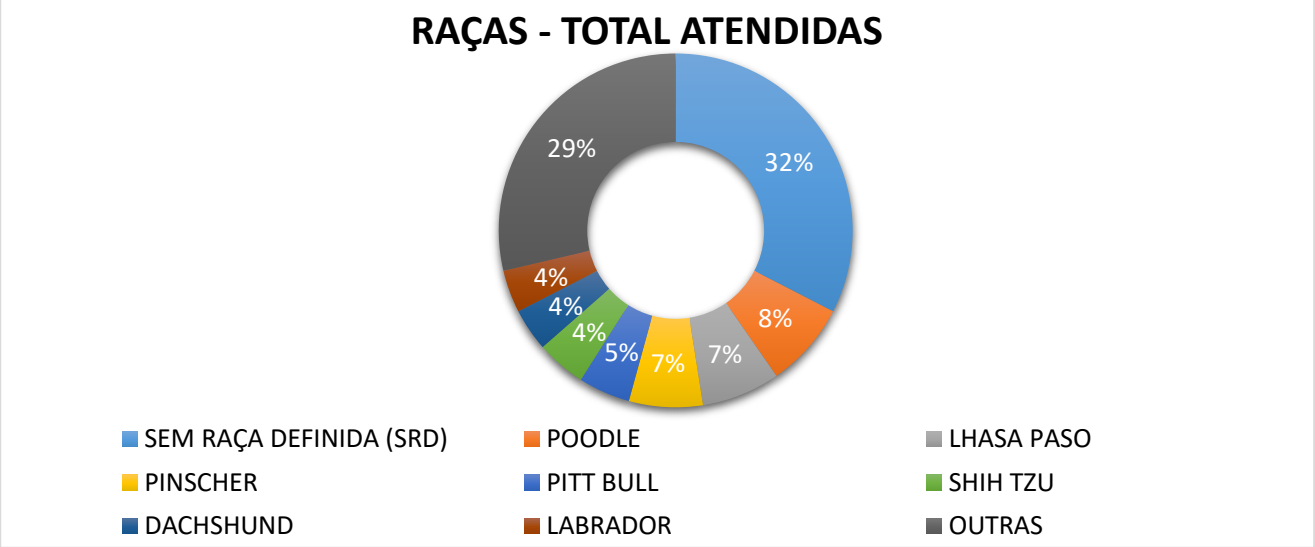


Figura 6: Relação das raças dos cães atendidos no total no Hospital Veterinário da Universidade Federal do Paraná durante o período de julho a setembro de 2015.

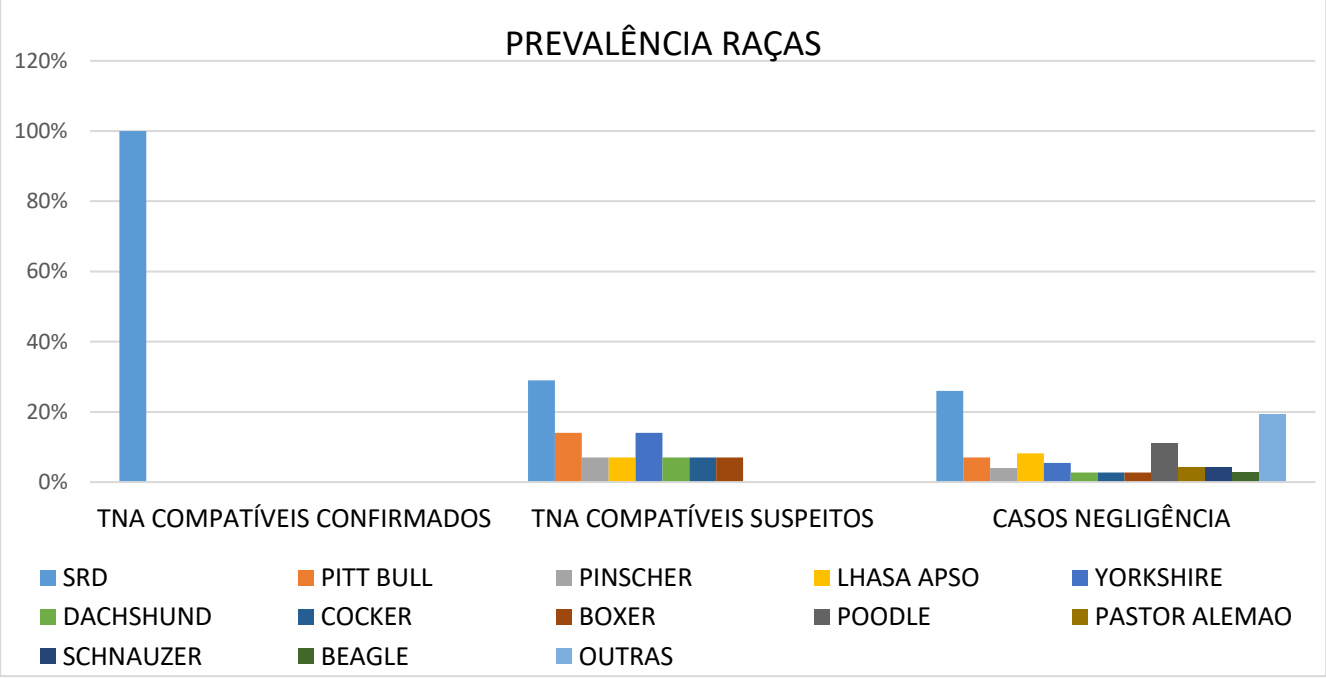


Figura 7: Relação das raças dos cães atendidos nos casos de TNA confirmados, suspeitos e em casos de negligência no Hospital Veterinário da Universidade Federal do Paraná durante o período de julho a setembro de 2015.

Os casos de trauma não-acidentais (TNA) considerados compatíveis confirmados foram verificados a partir da compatibilidade existente entre o histórico relatado pelo tutor e o diagnóstico suspeito de TNA. Diferentemente, os casos de TNA compatíveis suspeitos foram classificados dessa

forma devido à incompatibilidade ou ausência de relatos do tutor quando houve suspeita de diagnóstico de TNA. Dos dois casos confirmados de TNA, ambos foram classificados como abuso físico, um (50%) com um trauma mecânico contundente e outro (50%) perfurocontundente. Com relação aos suspeitos (n=14), cinco animais (35,7%) sofreram abuso físico por traumas mecânicos contundentes, três (21,5%) sofreram abuso físico por envenenamento, três (21,5%) abusos físicos por traumas mecânicos perfurocontundentes, um (7,1%) abuso físico por trauma mecânico contundente com fratura óssea, um (7,1%) abuso físico por trauma mecânico contundente com fratura craniana e um (7,1%) abuso físico por trauma mecânico contundente com ruptura visceral. Dessa forma, todos os casos compatíveis com TNA, tanto os confirmados quanto os suspeitos, ocorreram por abuso físico.

Siqueira, 2013 relatou que os casos de TNA ocorrem via trauma por abuso físico e que devem ser considerados no diagnóstico diferencial. Dos 90 casos de traumas em gatos por ele estudados, os mais observados foram provenientes de energias vulnerantes de ordem mecânica, química ou física. Cabe ao veterinário descrever e documentar as lesões, avaliando a extensão, a profundidade e as estruturas anatômicas afetadas, com a realização de radiografias, se necessário. Os fatores que levam à suspeita são: presença de múltiplas fraturas, fraturas em mais de uma região do corpo, fraturas transversas, fraturas com avançada cicatrização, formação de calo ósseo e fraturas múltiplas em diferentes estágios de cicatrização. A prevalência relativamente alta de fraturas em casos de TNA e o fato de apresentarem características discretas, que podem ser facilmente analisadas, fazem delas boas ferramentas de diagnóstico (TONG, 2013).

Figura 8: Identificação e categorização das lesões sugestivas de TNA confirmados nos prontuários de cães atendidos no Hospital Veterinário da Universidade Federal do Paraná durante o período de julho a setembro de 2015.

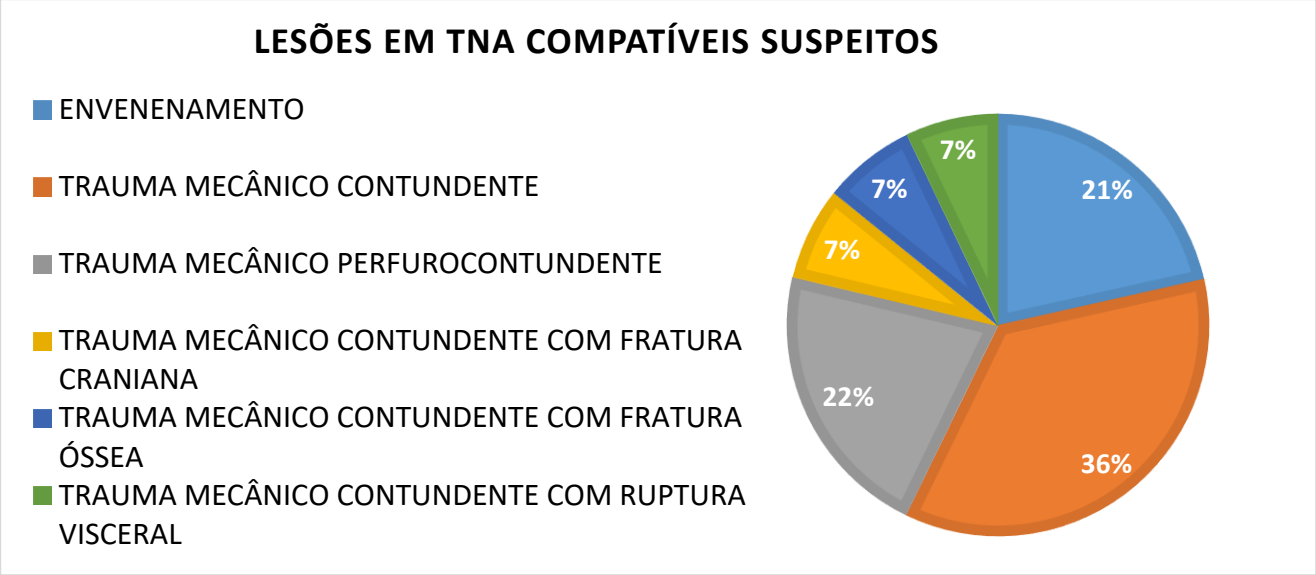


Figura 9: Identificação e categorização das lesões sugestivas de TNA suspeitos nos prontuários de cães atendidos no Hospital Veterinário da Universidade Federal do Paraná durante o período de julho a setembro de 2015.

Os casos de negligência (n=73) foram avaliados e categorizados em seis grupos, dentre eles: descontinuar o tratamento do animal, negar-se a realizar exames complementares, demora em buscar atendimento veterinário, recusar internamento e, por último, animal apresentando doença periodontal grave (grau III/IV). A categorização foi elaborada com base em um estudo prévio para elaboração da ficha de avaliação de lesões sugestivas de TNA.

O tipo predominante de negligência foi o de descontinuar o tratamento, com 48% (n=35), em sequência foi demora em buscar atendimento veterinário com 20,5% (n=15), animal apresentando doença periodontal grave, com 17,8% (n=13), negar-se a realizar exames complementares, com 8,2% (n=6) e, por último, recusar internamento do animal, com 5,5% (n=4).

Os dados demonstram a predominância da negligência como forma de maus-tratos, dado reforçado por Molento e Hammerschmidt, 2015, que ressaltam a importância da compreensão da negligência como maus-tratos por dois motivos principais: o fato de a negligência ser menos óbvia que a agressão física e de as publicações científicas a apontarem como o tipo mais comum de maus-tratos, tanto no exterior quanto no Brasil.

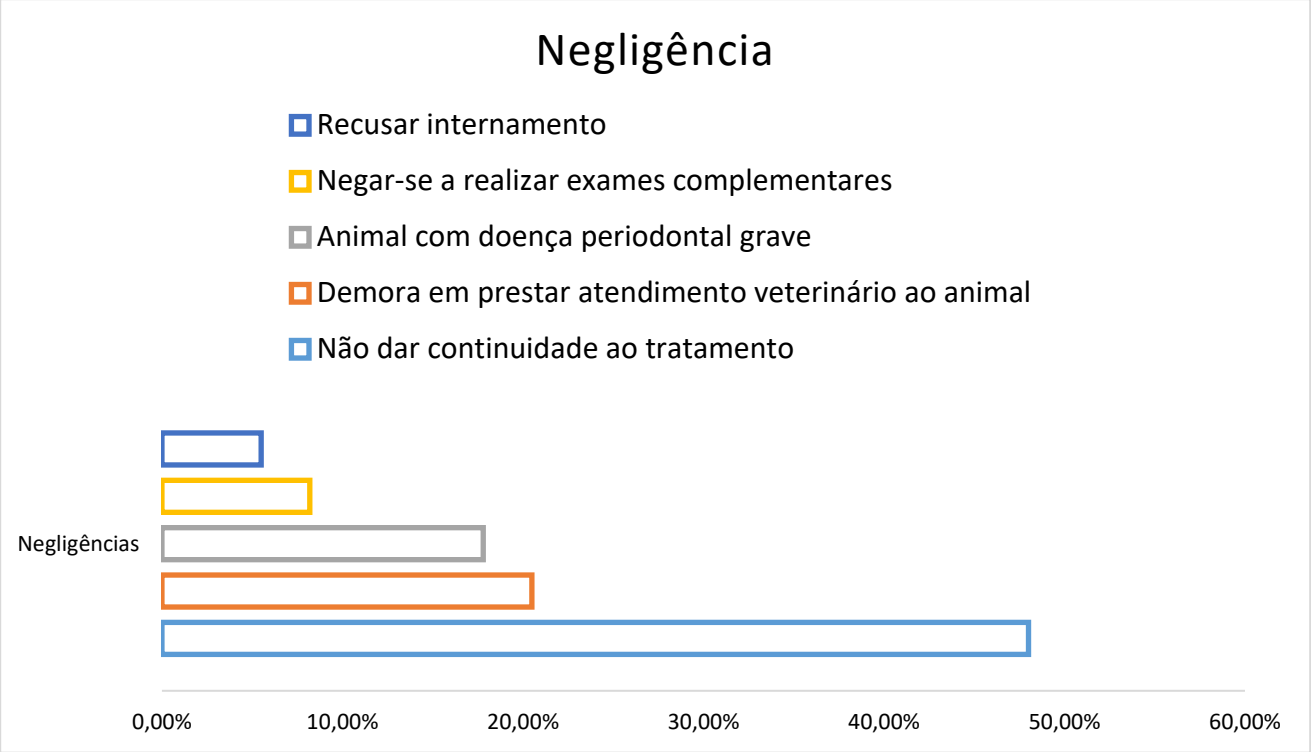


Figura 10: Identificação e categorização das negligências nos prontuários de cães atendidos no Hospital Veterinário da Universidade Federal do Paraná durante o período de julho a setembro de 2015.

Nenhum prontuário clínico analisado, principalmente dos casos de trauma não-acidental (TNA), havia anotações de suspeita desses casos pelo médico veterinário responsável. Esse tema já foi delatado por McGuiness, 2005, segundo o qual muitos profissionais da área apresentam dificuldade para identificar e reconhecer maus-tratos. Outro ponto relevante é a falta desse consentimento por escrito como sendo uma suspeita e a falta de avaliar o possível caso com uma visão mais holística, tendo em vista que muitos casos de maus-tratos ao animal podem ser reflexo de uma família vulnerável. Ascione, Webe e Wood, 1997 relatam que o abuso animal tem sido utilizado como um indicador de que a família apresenta problemas em relação à violência doméstica, necessitando de diagnóstico, avaliação do risco da situação, medidas preventivas e de proteção aos mais vulneráveis. Quando os animais estão sendo abusados, as crianças também podem estar em risco. Em levantamento feito com mulheres vítimas de espancamento, 71% delas relataram que o agressor já havia machucado e/ou matado o(s) seu(s) animal(is) de companhia.

O estudo desse tema é, portanto, de extrema importância para identificar e categorizar lesões sugestivas de maus-tratos, auxiliando os profissionais que possuem uma interferência direta em detectar esses abusos contra os animais e relacioná-los à violência humana. Segundo McGuiness, 2005, o conhecimento sobre a identificação de traumas não-acidentais pode reduzir o sofrimento das vítimas animais e aumentar o número de casos investigados. O assunto deve ser abordado ainda na graduação, para que mais profissionais estejam aptos a reconhecer casos de abuso físico.

Existem alguns fatores que podem dificultar a abordagem dos casos de crueldade. Hammerschmidt, 2012 cita o fato de a população desconhecer os locais de recebimento de denúncias de casos de maus-tratos, além do desconhecimento das leis e descrédito na justiça, fazendo com que muitos casos nem sequer sejam investigados. Existem aspectos envolvidos na elucidação dos casos de TNA que criam dilemas profissionais sobre quais procedimentos adotar: a abordagem da família envolvida, as condutas éticas a adotar, a responsabilidade pelo bem-estar do animal vitimado e as possíveis consequências e responsabilidade civil para o profissional a partir das decisões tomadas.

6. CONCLUSÃO:

Este estudo apresentou informações quanto à identificação de traumas não-acidentais (TNA), sua categorização e fatores de risco envolvidos em animais que sofreram maus-tratos. O TNA é um fenômeno cada vez mais reconhecido pelos médicos veterinários na prática e possui elevada importância, considerando a inter-relação entre casos de maus-tratos contra animais e de violência contra humanos, uma importante questão de saúde pública.

Os resultados obtidos revelaram que animais entre a faixa etária de 3 a 8 anos apresentaram maior incidência de casos de maus-tratos; o gênero do cão em casos de TNA mostrou que machos são mais acometidos por maus-tratos. Em contrapartida, nos casos de negligência o gênero não foi um fator relevante. Os animais sem raça definida apresentaram maior predominância que outras raças em casos de TNA e negligência. Todos os casos de TNA ocorreram por abuso físico (trauma mecânico contundente, com fratura óssea, com fratura craniana e com ruptura visceral, perfurocontundente e envenenamento). Dos casos categorizados como negligência, o de descontinuar o tratamento teve maior predominância.

O conhecimento sobre a identificação de TNA pode ajudar profissionais em detectar estes casos reduzindo, desta forma, o sofrimento das vítimas, aumentando o número de investigações e na identificação de famílias que estejam envolvidas em situações de violência.

7. REFERÊNCIAS:

1. ARKOW, P. Recognizing and responding to cases of suspected animal cruelty, abuse and neglect: what the veterinarian needs to know. Veterinary medicine: research e reports. v.6, p.349 – 359, 2015.
2. ARKOW, P; BOYDEN, P; PATTERSON-KANE, E. Practical Guidance for the Effective Response by Veterinarians to Suspected Animals Cruelty, Abuse e Neglect. American Veterinary Medical Association. 2011.
3. ARKOW, P; MUNRO, H. M. C. The Veterinary Profession's Roles in Recognizing and Preventing Family Violence: The Experiences of the Human Medicine Field and the Development of Diagnostic Indicators of Non-Accidental Injury. In: Ascione, F.R. (ed.). The international Handbook of Animal

Abuse and Cruelty: Theory, Research and Application. Purdue University Press, West Lafayette, Indiana, pp. 31 – 38. 2008

4. ASCIONE, F. R.; WEBER, V.; WOOD, D. S. Animal Welfare and Domestic Violence. The Geraldine R. Dodge Foundation, April 25, 1997.
5. ASCIONE, F. R. Animal abuse and youth violence. OJJDP Juvenile Justice Bulletin, 2001.
6. FARACO, C. B.; SEMINOTTI, N. A crueldade com animais: como identificar seus sinais? O Médico Veterinário e a prevenção da violência doméstica. Revista CFMV, Brasília, v.12, n.37, p.66-71, jan./abr. 2006.
7. GARCIA, R. C. M. Abuso animal e violência doméstica: o papel do médico veterinário. Revista Clínica Veterinária, n. 107, p. 56-57, nov/dez. 2013.
8. HAMMERSCHMIDT, J., MOLENTO, C. F. M. Análise retrospectiva de denúncias de maus-tratos contra animais na região de Curitiba, Estado do Paraná, utilizando critérios de bem-estar animal. Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science. v. 49, n. 6, p. 431-441, 2012.
9. LIMA, G. A. O trauma abdominal e suas complicações em cães e gatos. Trabalho de Graduação (Bacharelado em Medicina Veterinária). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
10. MERCK, M. D. Veterinary Forensics: Animal Cruelty Investigations. Iowa: Black-well Publishing, 2013
11. MCGUINNESS, K. ALLEN, M. JONES, B.R. Non-accidental injury in companion animals in the Republic of Ireland. Irish Veterinary Journal, v. 58, p. 392-396, 2005.
12. MCMILLAN, D. F., DUFFY, D. L., ZAWISTOWSKI, S. L., SERPELL, J. A. Behavioral and psychological characteristics of canine victims of abuse. Journal of Applied Animal Welfare Science. v.18, p.92-111, 2015.
13. MCMILLAN, F. D. Emotional Maltreatment in Animals. In: MCMILLAN, F. F. Mental Health and Well-being in Animals. Iowa: clackwell Publishing, 2005, p.167-179.
14. MOLENTO, CFM; HAMMERSCHMIDT, J - Revista CFMV - Crueldade, maus tratos e compaixão. Brasília, DF Ano XXI, 66, Julho a Setembro de 2015, pág. 11.
15. MUNRO, R.; MUNRO, H. M. M. Animal abuse and unlawful killing: forensic veterinary pathology. China: Saunders, 2008. 106 p.
16. MUNRO, H. M. C., THRUSFIELD, M. V. 'Battered pets': non- accidental physical injuries found in dogs and cats. Journal of Small Animal Practice. v.42, p.279-290, 2001.
17. MUNRO, H. M. C., Thrusfield MV. Battered pets: Features that raise suspicion of non-accidental injury. Journal of Small Animal Practice. 2001;42:218–226. doi: 10.1111/j.1748-5827.2001.tb02024.x.

18. ROSSI, L. F., LOPES, D.J., NAKASU, C.T., GUTERRES, K., CLEFF, M.B. Estudo retrospectivo de atendimentos a maus tratos a animais de companhia no HCV – UFPel. Archives of Veterinary Science. v.17, p.31-33, 2012.

19. SIQUEIRA A., SALVAGNI, F. A., MARIA A.C.B.E. MESQUITA, L.P., MAIORKA, P.C. Lesões não acidentais em gatos: estudo de 90 necropsias relativas a traumas produzidos por energia de ordem mecânica. Archives of Veterinary Science, v.18, (supl.2) p.361-363, 2013.

20. TONG, L. J. Fracture characteristics to distinguish between accidental injury and non-accidental injury in dogs. The Veterinary Journal. p.392 – 398, 2013.

9. RELATÓRIO DE ATIVIDADES:

A produção científica dessa pesquisa foi apresentada em forma de pôster e oral no II Congresso Internacional de Medicina Veterinária Legal (CONVEL) no dia 27/07/2017. Segue cópia anexada da aprovação via e-mail, uma vez que o certificado de apresentação ainda não foi encaminhado.

C2 Convel 2017 <trabalhosconvel2017@gmail.com>
seg 26/06, 20:17
Você

Responder

Arquivo Morto

Você encaminhou esta mensagem em 26/06/2017 22:55

Normas apresentações ...
330 KB

Baixar Salvar no OneDrive - Pessoal

Prezado Lucas,

Informamos que o resumo Estudo retrospectivo para o reconhecimento de traumas não-acidentais de cães atendidos no Hospital Veterinário da Universidade Federal do Paraná, foi APROVADO para apresentação na forma oral e pôster.

Ressalvando que o título teve que ser modificado para adequação ao estilo de artigo científico ao qual o resumo se apresentava.

Encaminho anexo as normas para apresentação oral, os slides devem ser enviados até 20 de julho por este email.

Atenciosamente,

Comissão Organizadora
II CONVEL

10. APRECIAÇÃO DO ORIENTADOR SOBRE:

10.1. Relatório científico e desempenho do voluntário no projeto.

O aluno foi responsável com todos os prazos acordados, bem como com as correções propostas. Apesar de não ter acompanhado o grupo de IC desde seu inicio e perdido as capacitações em levantamento bibliográfico, o aluno demonstrou conhecimento suficiente para o termino do projeto

de pesquisa.

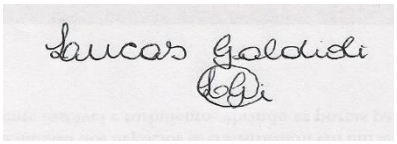
Devido ás atividades de estágio no mesmo dia em que aconteciam as reuniões do grupo de IC, o aluno frequentou 50% das mesmas. Mesmo assim, sempre esteve atualizado em relação às discussões e temas abordados nas reuniões.

O aluno é pró-ativo, questionador e de fácil relacionamento com os demais alunos, pós-graduandos e com o professor, sempre se posicionando de maneira educada e buscando novos conhecimentos.

10.2. No caso do voluntário estar terminando o curso de graduação, informar suas pretensões futuras:

(X) Aperfeiçoamento (Residência) (X) Mestrado/Doutorado ( ) Mercado de Trabalho
( ) Outros (especificar) _____

11. DATA E ASSINATURAS DO BOLSISTA E ORIENTADOR



Lucas Galdioli

Aluno Voluntário PIBIC

Rita de Cássia Maria Garcia

Professora Orientadora